SUMÁRIO

NA CAPA: — Presépio do Mosteiro de S. Vicente. Barro policromo. — Oficina de Machado de Castro — Séc. XVIII — Museu Janelas Verdes

N.º 8

Obra das Mães pela Educação Nacional

"MOCIDADE PORTUGUESA FEMININA"

Direcção, Administração e Propriedade do Comissariado Nacional da Mocidade Portuguesa Feminina. Redacção e Administração: Comissariado Nacional da M. P. F., Praça Marquês de Pombal, n.º 8. — Telefone 4 6134. — Arranjo gráfico, gravura e impressão de Neogravura, Ltd.ª, Travessa da Oliveira, à Estrêla, n.ºs 4 a 10 — Lisboa

ASSINATURA AO ANO: 12$00 PREÇO AVULSO: 1$00

BOLETIM MENSAL

LISBOA

Dezembro-1939

NATAL DE DEUS

Á lestes certamente, ao menos algumas de vós, no *"De Senectute"* de Cicero, esta palavra:—

"Não foi em vão que eu nasci"!...—palavra que o autor põe na bôca de um dos seus personagens, ao cabo da vida.

Quero crer que tenha havido muitos homens que possam ter dito ao morrer dos anos esta mesma palavra; e sem vaidade, até com simplicidade.

Até quero crêr noutra coisa: que todas vós já uma vez jurastes a vós mesmas não quererdes chegar ao fim de vossos dias sem poderdes repetir, humildemente, simplesmente:

"Não foi em vão que eu nasci"!... Bom sinal de que a vossa vida terá sido uma vida plena, uma vida cheia—uma vida total. Sinal de que ao longo do caminho tereis deixado atrás de vós boas obras, obras de virtude e de que, feitas as contas, podereis divisar lá no arrepio da existência bons exemplos, boas acções—deixai-me dizer, uma espécie de *melhorias* para o mundo.

* * *

Mas, em boa verdade, só um Homem houve, que em tôda a justiça a poude gritar para a História: **JESUS CRISTO.**

A Cruz que está erguida no Calvário há vinte séculos á espera da primeira derrota—ainda hoje a diz para Esperança de todas as almas.

NÃO FOI EM VÃO QUE JESUS NASCEU.

A História aí está. Olhos desempoeirados e corações lavados não podem lá descobrir outra coisa, senão os resultados benéficos desta *Vinda* de Cristo ao mundo.

O que aí anda de civilização e cultura e amor e bondade nasceu com Jesus em Belém na noite linda daquele *Natal* sem par.

Eis o **Mistério de Cristo**—o dôce **mistério de Natal:**—Cristo entrado no mundo para o erguer e para o salvar.

* * *

Põe-te agora sósinha, manda calar tudo dentro de ti e á tua volta, e interroga-te: *Foi em vão que Cristo nasceu para mim?...*

Olha esta palavra de um grande romancista, morto há pouco, Paulo Bourget:

"O mundo morre de não vêr a Deus".

Vê lá se é êste o teu caso:—se **o** não vês... se não sabes nada a respeito d'**ELE...** ou se Deus passa na tua vida sem influência—quero dizer: se o Natal de Cristo não tem para ti outro significado que não seja esta rememoração fria, sem alma interior, dos cristãos-pagãos ou dos pagãos-cristãos do nosso tempo...

Porque o Natal é isto, e só isto: Cristo revelado ao mundo, Cristo posto á vista dos homens, e, *n'Ele,* **Deus!**

O Natal dá-nos a melhor revelação de Deus: *Cristo.*

É daí que Jesus acode pelo nome de Emmanuel, isto é—**Deus connôsco.**

Que êste ano Jesus *não nasça em vão para ti...*

Natal de Luz e de Graça...
Natal de Paz e de Verdade...
Natal de Bondade e de Pureza...
Natal de Cristo!...
NATAL DE DEUS!...

G. A.

Autozinho do Natal

por Maria Paula de Azevêdo

EM 1 PRÓLOGO, 2 QUADROS
E 1 EPILOGO

PERSONAGENS:

Prólogo (O Saloio)
Jesus, A Virgem, S. José, (Personagens mudos) 2 Arcanjos — 12 Anjinhos — Rei Melchior — Rei Gaspar — Rei Balthasar — 4 Pastores — Mulheres — Um Homem — Os Servos dos Reis

P R Ó L O G O

O SALOIO

Ora vivam meus Senhores!
Deus lhes dê a saüdinha;
(E também algum juizo,
Pois para ter boa vidinha
O tino é muito preciso).
Sabeis vós porque me vêdes
Vir aqui? Julgo que não
Um saloio, de barrete
De jaleca e cinturão ...
Pois senhores: Venho em missão.
Nesta casa temos hoje
(Feita pela criançada)
Uma função importante:
E espero que vós, Senhores,
Haveis de achá-la interessante
Como é certo que sois todos
Uns ilustres sabichões
Já ouvistes, com certeza,
(Noutros tempos, aos serões)
Certa História de Beleza!
Essa História é nossa Vida!
Nossa vida e nossa Luz!
Olhai que não tem igual:
É a História de Jesus
É a História do Natal!
Ides vêr surgir no Céu,
Cheio de brilho e fulgor,
Aos pastorinhos falando,
Um Anjo anunciando
A vinda do Salvador!
Santas palavras aquelas
Vindas direitas do Céu!
Há perto de dois mil anos
Que, sem erros nem enganos,
São Lucas as escreveu!
Olhai e dai atenção:
Que também aqui vereis
Com seus presentes chegar,
Para o Menino adorar,
Lá de longe, os três Reis!
Pois nenhum de vós ignora
Que do Oriente àlém
Por uma estrêla guiados
Vieram ter a Belém
Os Reis Magos, confiados.
Vinham Jesus adorar
Todos três humildemente.
Reis Melchior e Gaspar:
E do negro continente
Veio também Balthazar.
Mas agora vou-me embora
E nada mais vos direi:
Estou aqui a enfadá-los...
Se eu falar melhor não sei
Não será melhor deixá-los??
Meus Senhores, perdoai
As minhas falas sem graça!
Não sei melhor, por meu mal.
....
E que muito bem lhes faça
Êste Auto de Natal!

PRIMEIRO QUADRO

Os pastores estão no campo perto dos seus rebanhos. É noite.

1.º pastor — Não viste passar aquele par que não achou lugar na estalagem?

2.º pastor (apontando) — Dirigiram-se para àlém. . .

3.º pastor — Entraram na velha arribana.

1.º pastor — Vinham tão cansados, coitadinhos. . . Êle, encostado ao seu bordão. . .

2.º pastor — Pareceu-me que eram pai e filha; mas enganei-me, ouvi chamar-lhe: José!

3.º pastor — E chamou-a êle: Maria!

1.º pastor — Vinham decerto de Nazareth.

4.º pastor — De tão longe, pobresinhos. . .

2.º pastor — Ao frio e à chuva a caminhar. . .

3.º pastor — Vêde como limpou o Céu *(aponta as estrêlas)* e já reparaste que as estrêlas hoje têm mais brilho?

4.º pastor (apontando) Vêde aquela, como brilha!

1.º pastor — Porque será?

3.º pastor — Não sei o que sinto no meu coração. . .

1.º pastor — É alegria? É tristeza?

3.º pastor — Parece que estou à espera de uma coisa grande, imensa. . .

2.º pastor — Também eu me sinto feliz, sem saber porquê. . . Mas que noite esta tão fria. . . *(embrulha-se na manta).*

1.º pastor — É noite de Dezembro: não há que admirar que seja fria. . .

(*Daí a pouco, dá a meia noite, em lentas badaladas de sino. Os pastores deitaram-se ou acomodaram-se; mas depois das badaladas, surge o* ARCANJO, *iluminado, e erguem-se aflitos*).

Pastores (gritando e recuando) — Senhor! Senhor!

O arcanjo (parando perto dêles) — Não temais! Porque eis aqui vos venho anunciar um grande gôso que o será para todo o povo — e é que hoje vos nasceu na cidade de David o Salvador que é o Cristo Senhor. E êste é o sinal que vo-lo fará conhecer: Achareis um Menino envôlto em panos pôsto em uma mangedoura! Glória a Deus nas alturas! E na terra, paz aos homens de boa vontade! *(desaparece o Anjo).*

(Rompe, da arribana, o canto da Glória).

1.º pastor — Que vozes do Céu estou ouvindo!

2.º pastor — Só anjos assim podem cantar!

4.º pastor (chorando) — Tenho mêdo!

3.º pastor (radiante) — Já nem sinto o frio que me regelava.

(O côro continua mais forte: "Glória a Deus nas alturas„. *Surgem mulheres do povo).*

O LAR

UMA das mais lindas tradições cristãs e familiares é a ceia do Natal, depois da missa da meia noite.

Não a ceia, entre estranhos, num restaurante da moda, ao som do Jazz e com comidas caras e esquisitas, mas a ceia familiar na nossa mesa festivamente alindada.

Nas ceias mundanas poderá haver ruído e prazer, mas não é essa a dôce, a divina alegria do Natal.

A alegria da noite do Natal só a gosam verdadeiramente aqueles que, depois de terem ajoelhado juntos à mesma mesa da comunhão, se reünem na intimidade do seu lar com a alma cheia da «grande alegria» anunciada pelos Pastores: nasceu Jesus!

Procuremos conservar a tradição da ceia do Natal e, se na nossa família ela se perdeu, procuremos ressuscitá-la.

Preparemos, pelas nossas próprias mãos, os «pratos» tradicionais ou preferidos pelos nossos. Enfeitemos a mesa com o que tivermos de melhor. Que não faltem luzes e flores sôbre a toalha de resplandecente alvura.

Pensemos em todos, tenhamos um mimo para todos. Só de nós nos havemos de esquecer, se isso fôr preciso para que os pobrezinhos tenham também o seu quinhão de alegria.

Antigamente, até os animais tinham a sua ceia do Natal—tão transbordante de bondade é a alegria cristã.

No regresso da missa da meia noite punha-se uma ração dobrada na mangedoura e atiravam-se fora mãos cheias de trigo para os passarinhos comerem no dia do Natal.

Ainda hoje, na Suécia, se colocam sôbre os telhados ramos de espigas que as avesinhas veem comer em alegre chilreada.

Bemdita caridade que envolve em ternura todos os sêres, numa gratidão infinita pelo amor com que Deus nos amou, dando-nos o seu Filho.

M. J.

RECEITAS DE COSINHA

FILHÓS DE FÔRMA

12 ovos; sumo duma laranja; meio decilitro de água; a farinha necessária para fazer um polpe grosso com a água e o sumo da laranja. Depois juntam-se-lhe os ovos inteiros, que já estavam batidos à parte. A massa assim preparada deixa-se descansar um bocado. Põe-se ao lume uma vasilha alta com bastante azeite. Quando o azeite está a ferver mergulha-se nêle a fôrma com cabo, própria para filhós. Esta fôrma, assim azeitada, mete-se na massa (sem cobrir de todo a fôrma) e mergulhe-se nòvamente no azeite. Sacudindo a fôrma, a massa solta-se dela, formando uma espécie de flor, que se deixa aloirar. Depois de fritas cobrem-se com calda de assúcar.

BOLINHOS DE ABÓBORA (Minho)

Descasca-se uma abòbora menina (de tamanho regular) e põe-se a coser partida aos bocados. Quando cosida tira-se e põe-se a escorrer. Arranja-se um paninho fino, põe-se a abòbora dentro e espreme-se, mas de forma a que não fique muito sêca. Uma vez esprimida, pôe-se num alguidar, junta-se umas 3 colheres rasas de assúcar, 2 bem cheias de farinha de trigo, 3 ovos inteiros, e bate-se tudo muito bem; tem-se ao lume uma frijideira com azeite a ferver, vai-se deitando dentro colheres desta massa, dá-se-lhes a forma duns croquetes, deixam-se alourar e tiram-se para escorrer. Ao pôr na travessa polvilham-se com assúcar e canela. Servem-se quentes e são muito bons.

EIS QUE ANUNCIO UMA GRANDE ALEGRIA

QUE alegria não sentimos quando, pequenitas ainda, nos disseram que tinhamos um irmãozito ou uma irmã pequenina!... Para ali deixámos bonecas e brinquedos e, a correr, fomos ver, contemplar, aquele pequenino sêr tão lindo, aquela boneca viva, que a nossa mãe nos dava para brincar!...

Que alegria não sentimos quando, já crescidas, depois de ter ajudado (e com que amor!) a fazer o enxoval, a nossa mãe nos chama, e num sorriso todo feito de confiança—apêlo mudo ao nosso carinho e cuidados de irmã mais velha—nos mostra o berço de novo cheio...

Pois bem, raparigas da Mocidade, êsses mesmos sentimentos devem ser os nossos, ao ajoelhar na noite de Natal, junto ao Presépio.

E olhai que isto não é exagêro nem comparação descabida. Aquele Menino que ali está e cujo nascimento «no ano 752 de Roma, 42.º do reino de Augusto» os anjos anunciaram aos pastores, nasceu para nós, é nosso, tão nosso, mais nosso até que os nossos irmãozitos... e quere em nós, por nós, através de nós, continuar actualmente a viver e crescer. É Deus, mas é Menino... é omnipotente, Senhor de tudo e de todos, mas confia-se à nossa guarda... Podemos para com Êle—que pela graça vive ou quere viver em nós e nos que nos rodeiam—ter cuidados e carinhos de irmão... mas podemos também—e como isto é tristemente sério!—ser para Êle outro Herodes!....

Como podemos uma e outra coisa ser?!...

Que cada uma de nós a si mesma responda.

M. S. M.

Conversar

É para ti, rapariga da Mocidade Portuguesa, que eu escrevo estas linhas. Para ti, que entras agora nas tuas férias do Natal.

Repicam os sinos de alegria e com êles vibram os nóssos corações juvenis. Nasceu o Salvador, o desejado das nações. Aquele que os homens não querem ouvir mas que é o tudo da tua vida, vida que queres fazer nobre e elevada. . .

São também as tuas primeiras férias. Há quantos dias não vês os teus! Com que ansiedade desejas abraçar teus Pais, teus irmãos... O «rápido» parece-te vagaroso como nunca e a paisagem maravilhosa que os teus olhos não se cansam de vêr com deslumbramento, não consegue prender-te a atenção.

Mais rápido vôa o teu pensamento fazendo o balanço do teu primeiro período.

As tuas notas foram boas? O teu esfôrço foi recompensado? Não te orgulhes de tal. Antes agradece a Deus que se dignou galardoar os teus esforços. . .

As tuas notas foram más? Não conseguiste vencer a preguiça? Eia, sus! Voltarás com mais ardor, com mais entusiasmo, plena de confiança, certa que vencerás com a ajuda d'Aquele que, por ti, fez da Sua vida um sublime poema de amor. . .

As tuas notas foram injustamente menos boas? Nada de desfalecimentos. Tu saberás provar que se enganaram a teu respeito e quando o não consigas confia Nêle que tão bem te sabe compreender e tão bem te sabe avaliar. . . Talvez tu, ignorada e humilde entre as tuas colegas, sejas aquela que o Seu coração cumula de graças. Talvez a Seus olhos divinos tu sejas a maior entre as mais sábias. Estudaste, tens a consciência do teu dever cumprido; e no meio de tanto trabalho não esqueceste o teu Jesús, não esqueceste a tua Pátria. Quem sabe se até pertences à J. E. C. F.? Quem sabe quantas almas receberam um pouco do fôgo de apóstola que arde em teu peito?

Qantas vivem agora na luz da verdade?

Tu, sim. Tu és a verdadeira filiada da Mocidade. Não te filiaste pelo brilho duma farda ou pela glória duma condecoração. O teu ideal é «servir» e tu soubeste realizá-lo.

Podes descansar as tuas férias. Goza em paz a alegria do teu dever satisfeito. E depois volta, se é possível, ainda com mais ânimo, com mais vontade, com mais amor por Deus e pela Pátria em cujo altar tu sacrificas tôda a exuberância da tua vida em flôr.

Volta, que nós precisamos de ti, do teu conselho amigo, da tua ajuda caridosa. . .

Volta, e traz na tua alma gravada a imagem dum Menino-Deus que se fez pequenino para que fôsses grande, que foi manso e humilde de coração para que d'Ele aprendesses. . .

Volta, que a Pátria precisa do teu valor; vem connosco cerrar fileiras em volta da bandeira verde-rubra, símbolo dum Portugal grande e eterno!

"UMA DE VÓS"

Natal! Natal!

Nenhuma outra data está mais radicada nos hábitos dos povos da terra do que a do Natal — quando se comemora o nascimento de Nosso Senhor Jesus Cristo.

Para todos nós o Natal é o tempo dos sonhos, dos desejos realisados, do recebimento dos presentes que o Menino Jesus traz, todos os anos, para esconder nos sapatinhos da esperança que ficam a dormir nas chaminés na noite da encantadora missa do galo.

Natal! data das esperanças alcançadas, da realidade bonita de todos os desejos infantis, anteriormente expressos em preces mudas, em bilhetes mal escritos endereçados ao Menino Jesus, o dono de tantas surprezas e alegrias.

Natal! data da Cristandade, da família, data que lembra a mais suave e famosa lição de humildade — o nascimento do Rei de todos os reis — o Menino Jesus — na pobre mangedoura da aldeia de Bethlém (Belém) na Judéa.

Noite de Natal, noite de paz, amor e alegria; noite divina em que todos os corações, desde o mais bondoso até ao mais crú, são dominados por uma fôrça oculta! . . .

Todos têm a sua noite de Natal, quer seja passada ao relento, num cárcere, no degredo, num hospital ou rodeados de confôrto e felicidade.

Mas enquanto uns riem e cantam, outros choram...

No céu há milhares de estrêlas que cintilam com mais intensidade parecendo que todo o firmamento é iluminado por sua suave claridade; na terra milhares de almas festejam jubilosamente, ante uma mesa abundante em variados manjares, o Nascimento do Messias Redentor, e outros tantos milhões levantam os seus olhos a implorar-Lhe misericórdia. . .

Crepitam as chamas nas rústicas lareiras e em tôdas as casas desde os palácios às mais humildes choupanas, fritando as saborosas filhós, nesta noite de encantos.

Das torres das igrejas soltam-se sons cristalinos que se espalham pelo ar gelado acordando tudo com os seus acordes, e repercutindo-se pelas serras brancas a tiritar de frio a convidar os fiéis para a missa do galo. . .

Na igreja apinha-se o povo para admirar o presépio onde o Menino se reclina num docel de fêno, bafejado pela vaquinha e pelo jumento, adorado pelos pastorinhos de barro grosseiro, entre o enlêvo da Virgem e o olhar bondoso de S. José.

MARIA CANDIDA HENRIQUES LOPES DOS SANTOS
Filiada n.º 10.614 — Coimbra

Como uma Lusa festejou o Natal

Lusa fôra passar as férias à aldeia com a sua Avó, e, nêsse dia, saíra carregada de embrulhos: — eram bôlos e outras guloseimas, com que ela, suas primas e amigas, completariam a bela festa que estava planeada para essa tarde de Natal.

Estava frio, muito frio mesmo... Se não fôsse aquele solzinho e o seu belo casaco. . . Lusa leva sôbre êle um emblema que o sol de inverno faz brilhar de certa maneira. . .

A atenção de Lusa é atraída para um rapazinho louro, de olhos azuis, que vem na estrada em sentido contrário. É pequenino, lindo e esfarrapado, mas o seu olhar é dôce, duma doçura infinita.

— "Éh! pequenino onde vais? Tão pequenino! Tens as mãos rôxas, o narizito vermelho e quási bates os dentes com frio!„

— "Vou chama-le aldém te venha vê-le a mãi, te está doente, A mãi tem dói, dói. O lume está apadado. Eu teme tom frio».

Lusa comoveu-se e quási chora.

— "Anda, vamos lá ver a tua mãi, lindo menino„

* * *

A casa está varrida; o lume já crepita na lareira. Junto à cama da doente improvisou-se uma mesa. Sôbre ela as gulodices que Lusa transportava.

Mais tarde, as companheiras que esperaram horas e horas, foram encontrar num casebre um quadro lindo:

— Sentada no leito, uma pobre doente, de sorriso triste; na mesa improvisada os restos da refeição; sentada numa cadeira, entre o lume e a doente, uma Lusa que aconchega ao peito um pequenito louro, quási adormecido e envôlto no seu casaco. Sôbre êste, um emblema que brilha como pequenina estrêla de estranho fulgor. . .

Jesus no céu devia sorrir ante aquela maneira de festejar o Natal.

TULIPA NEGRA

Natal

Correi ao Templo do divino Mestre
Correi oh! povo a lhe cantar louvores
Correi e vêde-o num logar campestre
Recém-nascido nos trazendo amores.

Vêde a Lapinha de animais cercada
Vêde a pobresa tôda engalanada
Cantos divinos que p'lo ar clangoram!

Alcatifado sò de flôr silvestre
Jaz no seu leito mimorando as dôres
Sem ter orgulho nem paixão terrestre
Correi, oh! povo a lhe cantar louvores.

Tudo se veste de alegria santa
E os Anjos brandam numa voz que encanta
Nasceu o Deus de todos os que choram.

Estremadura, Ala 2 Centro 64
Filiada n.º 11.066

GERMANA FERREIRA SOARES
Vanguardista

Impressões do Natal

Natal! Palavra mágica que alvoroça o coração de tôdas nós! Festa santa da família, festa do lar!

Com que alegria vemos chegar esta quadra do ano tão ansiosamente esperada, não tanto pela perspectiva de quinze dias de férias, de repouso, como pela alegria de nos vêrmos reünidas à nossa família, de podermos festejar o nascimento do Deus Menino, no aconchêgo de um lar.

Noite de 24 de Dezembro! A noite em que o Menino Jesus vem deixar um mimo aos nossos irmãozitos mais novos. E qual de nós, raparigas a tocar os vinte anos, não tem também o infantil desejo de receber por êste meio enternecedor os presentes dos nossos pais? Dadas as onze horas, lá vamos, pé ante-pé, pôr o nosso sapatinho no fogão da sala e, de manhã, ao acordarmos, aí vamos encontrar uma palavra amiga, como só o coração dos pais sabe ditar, junta a qualquer objecto ardentemente desejado, há muito tempo, por nós. Nas raparigas da nossa idade há sempre um misto de seriedade e. . . de criancice. É talvez por isso, por haver em nós a terna recordação da lenda do sapatinho, desde a infância, que não resistimos à louca tentação de nos fazermos criança [embora criança sejamos ainda] por um curto momento que nos trará horas de alegria sincera.

Natal! Natal! Feliz dia, feliz noite passada com os nossos, rodeados de carinhos, de mimos, de alegria, dos nossos avós, dos nossos pais, numa quinta distante.

A neve cai espalhando por tôda a parte o seu alvo manto. A serra tôda está coberta. Já não se distingue uma árvore, tudo é branco, duma brancura imaculada que nos gela mas encanta.

Eu gosto da neve! Fria, muito fria, a neve tem algo de belo, de grande que nos impressiona e domina. Tudo branco, tudo frio; até ao longe, ao cume da serra mais distante, não há mais do que um imenso lençol branco. Fria mas bela, eu gosto da neve. Talvez por ser triste, porque a neve é triste! Há na sua pureza, na sua algidez, alguma coisa de doloroso e belo. Eu comparo a brancura da neve à alma inocente de um irmãozito mais novo que perdemos quando desabrochava para a vida; comparo-a, também, ao véu da noiva.

E continua a caír sempre, sempre, sem interrupção. Mas nós, na alegria daquela noite, bem quentes na sala aconchegada, não sentimos a sua algidez. Todavia há quem a sinta e sôfra nesta noite santa. Enquanto muitos passam felizes esta quadra, há outros desgraçados, que não têm um naco de pão com que enganar a fome.

Natal! Natal! Trocam-se brindes, dansa-se, canta-se, há alegria, felicidade, doces, guloseimas, carinhos, tudo! E lá fóra, no rigôr inclemente do tempo, uma mãi coberta de farrapos sorri para o filhito que tem nos braços, por entre lágrimas, querendo também dar-lhe uma alegria naquela noite bemdita. Pobre mãi! Alma heróica de mulher que, no meio de sua dôr, que talvez só quem a sente a pode conceber, sorri para o seu filho na esperança de lhe fazer esquecer a fome que o devora. E o miüdito, embalado pelo dôce canto de mãi, animado pelas suas carícias, não julgará vêr nela a Virgem Santa, na noite de Natal?

Dlin-dlon, dlin-dlon, — repicam os sinos do campanário da igreja, chamando à Missa do Galo. Velhos, novos, crianças, eis que tudo parte para comemorar irmãmente, com uma fé pura e sincera, o nascimento do Menino Deus. Acabada a missa, os caminhos fôfos esperam-nos, parecem-nos mais macios e, emquanto os nossos olhos se vão fechando lentamente, vencidos pelo cansaço, a nossa mãizinha querida vem de mansinho ao nosso quarto depôr um beijo terno na nossa fronte. Sob a sensação daquela carícia, dormimos melhor, mais felizes ainda.

Natal! Festa de todos os lares! Noite santa, de felicidade para uns, mas de dôr, de infelicidade para muitos! Conjunto de amargura e de alegria, mas que nos deixará sempre, todos os anos, as mais gratas recordações, nas nossas almas simples de raparigas.

MARIA DO CÉU PIMENTEL SANTOS
Filiada n.º 3359 — Centro n.º 1 — Ala 1 — Provincia Douro Litoral [Pôrto]

Nota da Redacção: *Por falta de espaço, não poude ser publicada neste número toda a colaboração das Filiadas. Fica para o mês de Janeiro, que ainda está dentro do tempo litúrgico do Natal.*